

DOIS FILHOS PERDIDOS E SUAS HISTÓRIAS DISTINTAS¹

TWO LOST SONS AND THEIR DIFFERENT STORIES

Josemar Valdir Modes²

Claiton André Kunz³

RESUMO

A parábola normalmente intitulada como a “*parábola do filho pródigo*” retrata a realidade de dois filhos distantes do pai, carentes de seu amor e alvos deste mesmo sentimento. Um deles estava perdido fora de casa e outro perdido dentro dela. O mais novo cai em si, retorna para casa e recebe a graça do pai; já o mais velho decide permanecer fora da esfera da graça. Por meio desta parábola Jesus ensina aos fariseus que os publicanos e pecadores estavam entrando no reino de Deus enquanto que eles permaneciam, por decisão própria, fora dele.

Palavras-chaves: Pai. Filho. Perdido. Amor.

ABSTRACT

The parable usually entitled as the “*parable of the prodigal son*” portrays the reality of two sons distant of the father, needy father’s love and targets of this same feeling.

¹O texto é resultado das tarefas realizadas na disciplina “A Contemporaneidade dos Sinóticos” do Curso de Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Teológica Batista do Paraná.

²Formado em Teologia pela FBP. Possui especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela FTBP e mestrado (livre) na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É mestrando em Teologia Pastoral pela FTBP. Trabalha como pastor na Igreja Batista Emanuel e como Coordenador de Graduação na FBP. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

³Graduado em Teologia e Filosofia. Possui mestrado (livre) em Novo Testamento, mestrado e doutorado em Teologia (Bíblia). É diretor, coordenador acadêmico e professor da FBP e professor convidado do Mestrado Profissional em Teologia da FTBP. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

One of them was lost outside the house and another lost within it. The newest falls itself, returns home and receives the father's grace; already the oldest, decides to remain outside the sphere of grace. Through this parable Jesus teaches the pharisees that the publicans and sinners were entering the kingdom of God while they remained, by choice, out of it.

Keywords: Father. Son. Lost. Love.

INTRODUÇÃO

Muito já se tem ouvido falar das parábolas de Jesus, usadas com grande frequência em sermões por pastores. Por se tratar de um gênero literário específico e desconhecido para o intérprete ocidental, em muitos casos sua interpretação é feita de forma errônea e, como consequência, a aplicação também se torna incorreta.

Dentre estas parábolas há algumas mais conhecidas, como por exemplo a intitulada *Parábola do filho pródigo*. O próprio nome designado para ela em algumas traduções da Bíblia comprova a má compreensão da mensagem desta parábola. Esta pesquisa se propõe a estudar a parábola do filho pródigo, seu contexto, sua interpretação, comparação sinótica e a aplicação de Jesus para aquela época, como também a aplicação para os dias atuais.

Para que se entenda melhor o sentido da parábola, precisa-se primeiro compreender este gênero literário. Um conceito acerca de parábola pode ser o apresentado pelo autor Bailey, segundo o qual parábola não é meramente uma ilustração, como é vista por muitas pessoas, mas está cheia de argumentos teológicos, os quais são expressos por meio de fatos ocorridos na vida comum e relacionados aos mesmos. Uma parábola levava o ouvinte a se relacionar com um dos personagens. Além disso, levava o ouvinte a uma reação. As parábolas revelam algo a respeito do Reino de Deus, ou então falam como um filho do Reino deve agir.⁴

Thayer dá um sentido amplo de parábola. Ele descreve o termo grego παραβολή como “parábola, comparação, alegoria; provérbio, aforismo, figura. Uma narrativa, fictícia mas concorde com as leis e costumes da vida, na qual ou os deveres humanos ou as coisas de Deus, especialmente a natureza e história do Reino de Deus, estão figuradas”.⁵ Neste sentido, é a explicação de algo desconhecido por meio de figuras conhecidas.⁶

⁴ BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 12-14.

⁵ THAYER, Joseph Henry. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1974. p. 479.

⁶ HOOVER, Richard L. *Os evangelhos: o que Jesus fez e ensinou*. 2. ed. Campinas: EETAD, 1988. p. 34. Hunter afirma também que a parábola “consiste em comparar o desconhecido com o conhecido, o estranho com o familiar” (HUNTER, Archibald M. *Interpreting the parables*. Philadelphia: Westminster, 1960. p. 8).

Há teólogos que discordam da afirmação de que a parábola tem mais do que uma verdade. Concordam que elas ilustram mais detalhes, porém enfatizam que é necessário descobrir a verdade central do texto em estudo. Esta última descrição será basilar no estudo que se fará acerca da parábola do filho pródigo. Todos os detalhes envolvidos serão considerados e a verdade central apresentada.

Destaca-se ainda que a compreensão acerca deste estilo literário é importante para a interpretação. Ela leva o intérprete a avaliar com mais cuidado o contexto da época, como também os usos e costumes do povo ao qual foi transmitida inicialmente a parábola, uma vez que ela se relaciona e tem ligação com o meio do receptor primário.⁷

1. O TEXTO DE LUCAS 15.11-32

Antes de se fazer uma pesquisa minuciosa do texto em questão, é importante visualizar sua distribuição realizada por Kenneth Bailey em forma de quiasmos.⁸ Esta organização ajuda o intérprete a perceber a existência de dois filhos que estão na mesma condição, que tem as mesmas oportunidades, mas que oferecem respostas distintas. Além disso, transparece o pensamento hebraico no discurso em questão. Segue o texto segundo o autor mencionado:

A Havia um homem que tinha dois filhos

1 e o mais jovem deles disse ao seu pai: “Pai dá-me a parte da propriedade que me cabe”.
E ele dividiu *os seus bens* entre eles.

UM FILHO É PERDIDO

2 Não muitos dias depois o filho mais jovem vendeu tudo o que tinha, viajou para um país distante e desperdiçou a sua propriedade vivendo extravagantemente.

BENS GASTOS
COM UMA VIDA CARA

3 E quando ele já havia gasto tudo uma grande fome começou neste país e ele começou a passar *necessidades*.

TUDO PERDIDO

4 Então ele foi e juntou-se a um dos cidadãos daquele país

O GRANDE PECADO
(CUIDAR DE PORCOS)

⁷Cf. KUNZ, Claiton André. *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*. Curitiba: A. D. Santos, 2014. p. 23-35 (subponto sobre interpretação de parábolas).

⁸**Quiasmos** é um dos tipos de paralelismo, conhecido como invertido, onde pares ou conjuntos de linhas se relacionam. Muitas vezes se apresenta com uma estrutura sintática em que dois segmentos de frase têm duas ou três das suas palavras repetidas em ordem inversa e de tal modo que a final do primeiro segmento é a inicial do segundo. BAILEY, 1995, p. 21-22.

e ele o enviou aos seus campos, para <i>alimentar</i> porcos.	PARA GENTIOS)
5 E ele alegremente teria comido as vagens que os porcos comiam e ninguém lhe dava nada.	TOTAL REJEIÇÃO
6 Mas quando ele caiu em si, disse: “quantos dos servos de meu pai têm pão de sobra mas eu aqui pereço de fome.	MUDANÇA DE MENTE
6’ “Levantar-me-ei e irei ao meu pai e direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti e não sou mais digno de ser chamado teu Filho; faz de mim um escravo’.	ARREPENDIMENTO INICIAL
5’ E ele levantou-se e foi a seu pai e enquanto estava ainda a grande distância seu pai o viu e teve compaixão e correu e abraçou-o e beijou-o.	ACEITAÇÃO TOTAL
4’ E o filho disse ao pai: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti e não sou mais digno de ser chamado teu filho”.	O GRANDE ARREPENDIMENTO
3’ E o pai disse aos servos: “trazei a melhor roupa e vesti nele e colocai um anel em suas mãos e sapatos nos seus pés.	TUDO GANHO RESTAURADO À FILIAÇÃO
2’ E trazei o bezerro cevado e matai-o e comamos e alegremo-nos.	BENS USADOS NA ALEGRE CELEBRAÇÃO
1’ pois este meu filho estava morto e está vivo, estava perdido e foi achado”. E eles começaram a alegrar-se. ⁹	UM FILHO É ACHADO
B Ora, o filho mais velho estava nos campos	
1 e quando ele veio e se aproximou da casa Ouviu a música e a dança E chamou um dos rapazes e perguntou o que significava aquilo,	ELE VEM

⁹BAILEY, 1995, p. 209-210.

- 2 E ele lhe disse: “O seu irmão veio e o teu pai matou o bezerro cevado porque o recebeu com paz”.
TEU IRMÃO - ILESO
UMA FESTA
- 3 Mas ele ficou irado e recusou-se a entrar;
por isso seu pai saiu e estava implorando a ele.
UM PAI VEM
PARA RECONCILIAR
- 4 Mas ele respondeu ao pai: Eis que te servi estes muitos anos e nunca desobedeci às tuas ordens contudo, nunca me deste um cabrito para me alegrar com meus amigos.
QUEIXA I
(COMO METRATAS)
- 4' Mas quando veio este teu filho que devorou o teu sustento com meretrizes, mataste para ele o bezerro cevado”.
QUEIXA II
(COMO TRATAS A ELE)
- 3' E ele lhe disse: “Filho querido, tu sempre estás comigo e tudo o que é meu é teu”.
UM PAI TENTA
RECONCILIAR
- 2' Era conveniente alegrarmo-nos e regozijarmo-nos pois este teu irmão estava morto e está vivo, estava perdido e foi achado”.
TEU IRMÃO - ILESO
UMA FESTA

(Ele foi e entrou em casa e foi participar da música e da dança e começou a alegrar-se.

E os dois filhos se reconciliaram com seu pai).¹⁰

????????? (FALTANDO)

2. A REALIDADE QUE ENVOLVE O TEXTO DA PARÁBOLA

2.1 Contexto anterior

Bailey explica que antes de pronunciar a parábola, Jesus é encontrado sentado à mesa com publicanos e pecadores (Lc 15.1-2). O fato de ter comunhão à mesa tem um significado muito profundo no Oriente Médio: o convite para uma refeição é uma oferta de paz, confiança, fraternidade, perdão. Por estar Jesus à mesa com publicanos e pecadores, Ele reforça a mensagem do amor redentor de Deus. Ao mesmo tempo, este fato foi considerado uma ofensa muito séria pelos fariseus, ofensa que atingia suas sensibilidades culturais e teológicas.

Defendendo-se dos Seus atos, Jesus propõe três parábolas, as quais têm relação

¹⁰ BAILEY, 1995, p. 237-238.

uma com a outra: a primeira é a da ovelha perdida; em seguida, a da dracma perdida e por último, a dos dois filhos perdidos.¹¹

Os fariseus e escribas não se associavam a nenhum publicano ou pecador, nem mesmo para lhes ensinar a Lei, e muito menos comiam com estes, pois o ato de comer era considerado pior do que o de se associar. Esta visão acerca daqueles que não tinham vida com Deus fazia com que estes nem mesmo se aproximassem dos fariseus, realidade esta que não pode ser associada a Jesus, uma vez que os publicanos e pecadores se prontificavam a ouvi-lo e se aproximavam com muita frequência.

Também é perceptível na parábola a ideia de que Deus é um Deus que busca, que toma a iniciativa, algo que era uma nova concepção para os judeus.¹² Olhando sob uma perspectiva ainda maior, percebe-se que Jesus já estava debatendo o assunto “arrepentimento” nos capítulos anteriores (13 e 14) do Evangelho de Lucas e pode-se concluir que nestas parábolas Ele aprofundou o assunto grandemente, oferecendo a ele uma imagem vívida de perdão.¹³

Estas parábolas proferidas no capítulo quinze demonstram de forma clara o amor de Deus para com os perdidos e destacam que em qualquer lugar ao qual Jesus chegava reunia-se à Sua volta uma multidão, que incluía publicanos e pecadores, com a intenção de ouvir Seus ensinamentos. O ouvir é o primeiro passo da fé necessário para que o pecador obtenha graça. Este ato lamentavelmente era visto pelos fariseus como um meio pelo qual Jesus estava se rebaixando, o que fazia com que eles se envergonhassem, pois muitas vezes haviam recebido Jesus em suas casas.¹⁴

2.2 Contexto posterior

Jesus termina a parábola propositalmente com o discurso do pai, deixando em aberto o discurso do filho mais velho. Com isso fica no ar a pergunta se o filho mais velho aceitou ou não entrar na festa, isto porque foi convidado pelo pai.¹⁵ Os fariseus que ouviam a parábola certamente se identificaram com o filho mais velho

¹¹ BAILEY, 1995, p. 193-195.

¹² LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Darci Dusilek e Jussara M. P. Simões. São Paulo: Exodus, 1997, p. 79.

¹³ ASH, Anthony Lee. *O evangelho segundo Lucas*. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 1980. p. 237.

¹⁴ REINECKER, Fritz. *Evangelho de Lucas: comentário Esperança*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. p. 317-319.

¹⁵ REINECKER, 1998, p. 328.

e, com este desfecho, foram obrigados a decidirem se iriam aceitar a reconciliação ou não, fato este que não acontece.¹⁶

Seguindo na visão do contexto posterior a esta parábola, na qual Jesus destaca a graça do Reino de Deus que se compadece pelo pecador, Ele volta a Sua atenção para os discípulos, falando-lhes mais profundamente sobre o mesmo assunto. Os fariseus também continuaram ouvindo. Jesus quer ensinar aos seus discípulos que a graça de Deus precisa resultar no amor ao semelhante. Para isso, propõe outra parábola, a parábola do administrador injusto, como se percebe na sequência do texto de Lucas.¹⁷

3. A SINGULARIDADE DE LUCAS AO MENCIONAR A PARÁBOLA

O texto da parábola, relatada somente por Lucas (15.11-32), de acordo com a Nova Versão Internacional, é o seguinte:

Jesus continuou: Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse a seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e se foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados'. A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho'. Mas o pai disse aos seus servos: 'Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado'. E começaram a

¹⁶ BAILEY, 1995, p. 251.

¹⁷ REINECKER, 1998, p. 331. Ver em KUNZ, 2014, p. 140-146, a interpretação desta parábola.

festejar seu regresso. Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: 'Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo'. O filho mais velho encheu-se de ira e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: 'Olha! Todos estes anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedecei às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando volta para casa este teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!' Disse o pai: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado'.¹⁸

Não há paralelos nos demais Evangelhos, nem mesmo de parte do discurso de Lucas. Dentre os motivos que se pode mencionar que levaram Mateus, Marcos e João a não registrar esta importante parábola estão:

- Jesus proclamou o “Evangelho do Reino” de formas diferentes e em diferentes lugares, e realizou feitos semelhantes em diversos lugares. Dependendo do lugar descrito pelo evangelista, estes ensinamentos poderiam se repetir ou ser de ordem exclusiva;
- Diferentes testemunhas das obras e palavras de Jesus fizeram também diferentes observações. Quando três homens inteligentes e honestos veem o mesmo milagre ou ouvem o mesmo sermão, o que eles veem e ouvem não gerará exatamente a mesma coisa, mas variará de acordo com a respectiva personalidade de cada uma das três testemunhas.
- A transmissão dessas observações, ainda que harmoniosa, tinha um caráter multiforme.
- No uso das fontes, quer orais, quer escritas, cada evangelista exerceu seu critério orientado pelo Espírito, de acordo com o seu próprio caráter, educação e antecedentes gerais e com vistas à realização de seu próprio plano e propósitos distintos.¹⁹
- Lucas é o escritor que enaltece a história dos excluídos. Seu olhar se volta muito para os pecadores e aqueles que sofrem injustiças sociais.²⁰

¹⁸ BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000. p. 835-836.

¹⁹ HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento - Mateus. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 82.

²⁰ HÖRSTER, Gerhard. Introdução e síntese do Novo Testamento. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996.

4. AS VERDADES PRESENTES NA PARÁBOLA

4.1 A partida do filho

O autor Bailey inicia sua análise do filho pródigo e do seu pedido ao pai. Este pedido, por mais simples que pareça ser, tinha implicações gigantescas. Ele revela que o filho desejava a morte do seu pai, pois na cultura deste povo a repartição dos bens ocorre somente após a morte do pai. Poderia até acontecer antes, mas o pai continuaria usufruindo a posse da terra até a sua morte. O autor destaca que, ao realizar uma pesquisa durante quinze anos naquela região avaliando a possibilidade de se repartir os bens antes da morte do pai, chegou à conclusão de que isso seria algo impossível de acontecer da maneira como aconteceu, demonstrando o quanto este pai foi amoroso com seu filho, mesmo diante desta ofensa tão grande.

É importante destacar que o pedido do filho foi um pedido duplo, pois ele também pediu o direito de negociar a sua propriedade e, desta forma, estava agindo como se seu pai já estivesse morto. Diante destes pedidos, era de se esperar que o pai explodisse e disciplinasse seu filho, mas ocorre o contrário. O pai, sem discutir, divide tudo entre os irmãos - os dois!

Mas as implicações do pedido iam muito além da família. O fato de ter pedido a herança faz com que sejam quebrados os laços não apenas com o seu pai, mas com toda a comunidade. Este filho deve ter se tornado mais odiado ainda pelo fato de ter ido em busca de compradores para a sua propriedade. No contexto da época, vender uma propriedade levaria no mínimo alguns meses; porém, como mostra a parábola, ele conseguiu vender a propriedade em poucos dias. Portanto, subentende-se que tenha procurado intensamente por um comprador, disseminando entre todos a sua imprudente e inconsciente atitude.

Outro fator que merece destaque é a atitude do filho mais velho. Como mostra o texto, ele também recebeu a sua parte da herança, e não a recusou verbalmente como era de se esperar. Além disso, sendo o parente mais próximo desta situação, deveria ser o mediador entre uma possível reconciliação entre o pai e o filho mais novo, mas este fato não aconteceu e nem mesmo há menção de alguma postura reconciliatória do filho mais velho. Parece que ele estava gostando daquilo que estava vendo.²¹

Pela descrição do texto pode-se afirmar que este passar da herança ao filho mais novo é o processo denominado nos papíros de “herança paterna”, no qual o pai passa um terço da herança, perdendo completamente os direitos de propriedade sobre a

²¹BAILEY, 1995, p. 219-221.

parte da herança distribuída. Esta era uma prática pouco usada. O que mais se via no território da Palestina eram doações realizadas pelos pais aos filhos, nas quais eles (os pais) permaneciam como donos da propriedade até a sua morte.²² A atitude de amor do pai está em contraste com a rebelião do filho mais novo, que despreza este amor.²³

Uma possível explicação para a motivação da rebelião do filho mais novo pode estar relacionada ao direito hebraico sobre a herança, no qual o primogênito tem direito a uma parte duas vezes maior da herança do que os outros filhos. Portanto, a posição que o filho mais novo ocupava na casa de seu pai (terceiro lugar) pode ter incentivado este jovem a tomar esta atitude.²⁴

4.2 A miséria no estrangeiro

Logo após ter saído da casa de seu pai, o filho pródigo chegou ao seu inferno. Como diz o texto bíblico, naquele país havia fome e o jovem, vivendo dissolutamente, desperdiçou seus bens. Possivelmente o seu desperdício não foi com coisas imorais. Diante de sua miséria, o jovem “grudou” num cidadão daquela região.

Este cidadão provavelmente era um publicano, pois este grupo mantinha contato com estrangeiros. Em épocas de seca, aumentava muito a mão de obra e, para despistar pessoas em busca de emprego, os proprietários ofereciam trabalhos nos quais achavam que os estrangeiros não quisessem trabalhar. Isto deve ter acontecido com este cidadão; porém, para sua surpresa, o filho pródigo aceita cuidar de seus porcos.

O texto bíblico fala também das vagens da alfarrobeira que este jovem tentava comer. Ele não as comia não pelo fato de não as darem, mas porque estas vagens são amargas, não tem gosto bom e, como se não bastasse, não têm valor nutritivo. Então, ele não conseguiria forças necessárias neste tipo de alimento. Os alimentos que ganhava provavelmente eram insuficientes para se manter vivo. Isto também é consequência da mão de obra abundante, fazendo com que os salários pagos fossem muito baixos.²⁵

O jovem caiu em duas desgraças: uma provocada por ele mesmo (por ter desperdiçado seus bens) e a seca e como consequência desta a fome, das quais não teve culpa. Com a seca surgiu a falta de alimentos, o que fez com que os preços aumentassem. Por isso, até mesmo trabalhar para comer se tornava um salário alto.

O fato de o jovem, sendo judeu, ter ido cuidar de porcos (o que era considerado

²² MORRIS, Leon L. Lucas: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 226.

²³ ASH, 1980, p. 239.

²⁴ REINECKER, 1998, p. 224.

²⁵ BAILEY, 1995, p. 219-222.

algo impuro para os judeus) aponta também para o desespero que vivia. Além do mais, havia um ditado rabínico que dizia “maldito o homem que cria porcos”. Por dar pouca comida para este jovem, nem mesmo lhe dando as vagens da alfarrobeira, o proprietário torna os porcos mais valiosos do que o jovem.²⁶ A tudo isso ainda se soma a falta de amigos que este jovem deve ter sentido em meio a tantos problemas e dificuldades.²⁷

Deve-se destacar que o cidadão daquela cidade não queria acolher o jovem e só depois de muita insistência o aceitou. Este fato se torna compreensível pela expressão usada no original que significa “pendurar-se”.²⁸

4.3 A contrição pelo pecado

No país distante o jovem ainda não havia se arrependido, mas apenas caiu em si. Para o filho pródigo, seu pecado foi o fato de ele ter perdido o dinheiro. Ele deixa de reconhecer seu pecado moral. Nesta situação, citada na Bíblia, o filho pródigo precisa restabelecer seus relacionamentos com seu pai, seu irmão e com a aldeia.

O primeiro e mais importante destes relacionamentos é com seu pai, com quem ele se propõe a salvar as aparências. Para isto, ele quer trabalhar como um empregado assalariado.²⁹ Na época, um empregado assalariado não tinha nenhuma relação direta com a propriedade. Trabalhava quando tinha serviço e quando quisesse, e ainda tinha uma boa posição social. Portanto, o filho mais novo continuaria com seu orgulho e independência. Além do mais, ele poderia pagar seu pai pelo que perdera. Ele quer se salvar, não deseja graça. O filho mais novo tem um plano que acha que deve ser executado, portanto quer ordenar a seu pai que o execute.

O segundo relacionamento a ser restaurado é com seu irmão. Sendo um servo assalariado, ele não iria comer na casa de seu pai, pois sabe que o que é de seu pai é também de seu irmão mais velho. E, se fosse morar na casa de seu pai, precisaria se reconciliar com seu irmão. Isto faz seu plano se tornar algo alternativo.

O problema final do pródigo é a aldeia, pois ele fracassou num país distante e isso o torna motivo de vergonha. Além do mais, o que ele fez com seu pai o torna odiado pela aldeia. Porém, ele não tem outra solução a não ser encarar a situação.³⁰

Os momentos de adversidade levam as pessoas a refletirem sobre os fatos. O autor

²⁶ MORRIS, 1996, p. 227.

²⁷ ASH, 1980, p. 239.

²⁸ REINECKER, 1998, p. 324.

²⁹ Chama a atenção o uso do termo μίσθιοι (jornaleiro, trabalhador de uma jornada), ao invés de δούλος (servo/escravo).

³⁰ BAILEY, 1995, p. 222-229.

comenta que o pródigo percebeu que os trabalhadores na casa de seu pai tinham mais do que ele como filho. Portanto, decidiu voltar para casa pelo desejo de ser alimentado.³¹

Nem todos os teólogos concordam sobre o arrependimento ou não do filho pródigo. Alguns afirmam que ele já estava arrependido, e este arrependimento era com relação a seu pai e também ao céu. Ele voltou sem ter direitos e de maneira nenhuma iria reclamar se o pai o recusasse, por isso suplicou piedade.³² Mas basta uma leitura no restante da passagem para se perceber que alguma coisa mudou na hora do encontro. Diante disso, pode-se afirmar que este jovem ainda não estava arrependido, só sentia remorso.

O que também está claro no texto é que a situação difícil no país distante fez com que este jovem se lembrasse da bondade do seu pai e como este agia com seus empregados. O fato de ter pão na casa do pai não significava apenas abundância, mas a bondade do pai para com os seus colaboradores.³³

4.4 O retorno ao pai

No outro extremo da história encontra-se o pai. Este tinha o controle da situação e não o filho. Olhava na direção de onde esperava que seu filho viesse.³⁴ O pai sabia como seu filho seria tratado pela aldeia ao voltar para casa. Para protegê-lo ele toma certas atitudes que impedem que o jovem seja rejeitado pela aldeia. Estes atos começam quando o pai sai correndo pela aldeia, pois era uma atitude humilhante um nobre oriental sair correndo.

Com esta compaixão o pai sofre a punição que o filho deveria receber, tornando a reconciliação na entrada da aldeia um ato público, pois no lugar onde ocorreu com certeza atrairia muitas pessoas para o local. Outra atitude do pai é o amor que ele expressa por seus atos: o beijo que ele dá no filho demonstra reconciliação, perdão.

Neste momento, o filho reage, falando as suas palavras; porém, deixa fora a parte “faze de mim um servo assalariado”. Muitos autores procuram afirmar que o pai interrompeu o filho no momento em que iria falar; para Bailey, porém, este fato é muito mais profundo: o filho pródigo não disse essa frase porque percebeu que não poderia fazer nada para recuperar o relacionamento perdido entre ele e seu pai. Ele foi abalado pela maneira como seu pai demonstrou amor em meio à humilhação. Assim, ele muda a sua maneira de pensar e verdadeiramente se arrepende.

³¹ MORRIS, 1996, p. 227-228.

³² ASH, 1980, p. 240.

³³ REINECKER, 1998, p. 324-325.

³⁴ KISTEMAKER, Simon J. *As parábolas de Jesus*. Tradução de Eunice Pereira Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. p. 242.

Dessa forma, ele aceita a graça do pai, deixando seu orgulho de lado, assumindo as consequências de sua saída. Ele passa a entender que um relacionamento novo entre ele e seu pai depende inteiramente de uma dádiva concedida por seu pai.³⁵

Fica claro também que o pai tinha esperança de que o seu filho iria voltar, pois este o estava aguardando. Com a volta do filho, o pai o beija muitas vezes, mostrando uma saudação sincera de quem aguarda há muito tempo.³⁶ Este pai ansioso pela volta do filho tem a sua fé recompensada no momento em que o filho aparece. Transparece no encontro o grande contraste que há entre o desejo do filho no que iria pedir ao seu pai e o que ele acaba recebendo.³⁷ O fato do pai estar esperando a volta do filho mostra o amor que o pai sentia e que ainda não se extinguiu. O pai reconhece o filho de longe, mesmo este estando num estado deplorável, e demonstra todo seu amor pelo filho num ato sem palavras, no qual as atitudes falam mais alto do que as próprias palavras poderiam dizer.³⁸

4.5 A nova aceitação como filho

Depois do arrependimento e da confissão do filho pródigo, o pai ordena aos servos que estão ali na estrada, junto da multidão, para que vistam o filho.³⁹ Neste momento o silêncio do pai é quebrado e palavras de amor fluem de sua boca diante das ordenanças feitas aos servos. A túnica, provavelmente branca, trazida ao filho o reconduz à condição de um judeu distinto. O jovem recebe de volta seus direitos como filho e o convite para se regozijarem mostra o amor do pai por ele, que estava morto, mas reviveu.⁴⁰ Este vestir torna o filho superior aos servos e a ordenança os orienta à atitude que deveriam tomar. O pai também pede a melhor roupa, e esta deveria necessariamente ser a sua, para que na festa ele fosse visto como aceito na comunidade, fazendo desta forma a reconciliação do filho.

Também é colocado um anel no dedo do filho mais novo, o que significa que este filho merece confiança especial⁴¹ e mostra que ele recebeu de volta a autoridade.⁴² Sandálias são colocadas em seus pés, diferenciando-o como sendo um homem livre. Além disso, o pai dá ordens para matar o novilho cevado, isto provavelmente pelo fato

³⁵ BAILEY, 1995, p. 229-232.

³⁶ MORRIS, 1996, p. 228.

³⁷ ASH, 1980, p. 240-241.

³⁸ REINECKER, 1998, p. 325.

³⁹ BAILEY, 1995, p. 232-235.

⁴⁰ REINECKER, 1998, p. 325-327.

⁴¹ BAILEY, 1995, p. 232-235.

⁴² MORRIS, 1996, p. 228-229.

da festa ser muito grande, visto que toda a aldeia estava convidada para celebrar a volta do filho que estava perdido e foi achado.⁴³ Fica evidente que este animal estava lá de prontidão para uma festa especial; o pai vê neste momento uma oportunidade muito especial e que não iria haver outra como esta.⁴⁴

4.6 O diálogo do filho mais velho com o servo

A partir deste momento é como se a parábola se repetisse, mas destacando o filho mais velho. Este filho estava nos campos, portanto também fora da casa de seu pai. Ao se aproximar de casa, percebe que há uma celebração. Ele deve não ter sido notificado da festa porque o pai sabia que isso lhe desagradaria. A música da festa inicia assim que uma parte dos alimentos está pronta, isso no momento em que as pessoas estão retornando do seu trabalho.⁴⁵ Possivelmente foi a música que o filho mais velho escutou e que o fez voltar para casa, tocada provavelmente por flautistas.⁴⁶

O filho mais velho faz várias perguntas a um menino (esta conclusão é tirada do fato de este menino não tratar o pai do filho como seu senhor) que estava próximo da casa. Diante da resposta do menino, o filho mais velho decide não entrar na casa de seu pai. No contexto da época, nas festividades o filho mais velho tinha uma responsabilidade semifuncional: ele deveria estar entre os convidados, cumprimentando-os e verificando se nada lhes estava faltando. Caso faltasse alguma coisa, deveria pedir aos servos para que a providenciassem. Em outras palavras, podia ser considerado como um mordomo. O significado deste costume é como se o pai estivesse dizendo: “Meu filho mais velho é vosso servo”.

Mesmo que o filho mais velho não concordasse com a volta de seu irmão mais novo, ele deveria estar na festa, exercendo seu papel e, além disso, deveria cumprimentar seu irmão. Só no final da festa é que ele poderia questionar o pai pela volta do filho. A atitude tomada pelo irmão mais velho traz vergonha para seu pai e merecia punição. Uma atitude vergonhosa deste gênero fazia, no contexto da época, com que um pai vendesse tudo o que tinha e se mudasse para outro lugar, longe do local onde foi envergonhado.⁴⁷

Há uma enorme diferença entre o amor do pai para com o filho e a atitude egoísta

⁴³ BAILEY, 1995, p. 232-235.

⁴⁴ MORRIS, 1996, p. 228-229.

⁴⁵ BAILEY, 1995, p. 237-242.

⁴⁶ ASH, 1980, p. 241-242.

⁴⁷ BAILEY, 1995, p. 237-242.

do irmão mais velho, que além de negar amor, não tentava compreendê-lo.⁴⁸ Nem mesmo os servos tiveram atitude tão egoísta. O servo que foi chamado pelo filho mais velho para interrogatório nada comentou sobre o pecado do irmão mais novo, apenas disse que havia retornado com saúde.⁴⁹

4.7 O diálogo do filho mais velho com o pai

Neste momento o pai novamente entra em cena e faz exatamente o mesmo que fez com o filho mais novo: sai de casa, sofrendo uma humilhação pública, para demonstrar o seu amor por este filho. Porém, a atitude deste filho diante do amor do pai é totalmente diferente da atitude do filho pródigo: o filho mais velho não trata o pai com o título que deveria tratar; demonstra uma atitude e espírito de escravo e não de um filho, pois diz que trabalhou e não ganhou nada; insulta seu pai publicamente e ainda diz que nunca desobedeceu às ordens do seu pai; acusa o pai de favoritismo, por ter matado o novilho cevado para o irmão mais novo, sendo que ele nunca ganhou um cabrito; declara que não faz parte da família, pois seus amigos não são seu pai e seu irmão; para ele, alegria é ter carne para comer na companhia de amigos, e não sente alegria pela volta do irmão perdido; por fim, ele ataca o irmão mais novo, dizendo que este não amava o seu pai, pois havia desperdiçado o seu sustento.

Diante disso, espera-se uma reação do pai, que na época poderia ser castigar o filho ou então ordenar que ele entrasse na festa para cumprir seus afazeres. Porém, em sua reação o pai demonstra querer um filho e não um servo que simplesmente obedecesse ao que ele mandasse.

As palavras do pai convidam o filho a se regozijar por uma boa causa: a volta do seu irmão. Além disso, mostram que os direitos do filho mais velho estão protegidos, pois tudo o que era do pai era seu também. O pai mostra ao filho que ele não é um servo, pois possui tudo. Porém, as palavras do filho mais velho dão a entender que ele queria, como seu irmão mais novo, já usufruir destes bens enquanto seu pai ainda estava vivo, desejando assim a morte do pai. O discurso do pai tenta fazer seu filho entender toda a graça que lhe é manifesta.⁵⁰

A diferença entre ele e seu irmão mais novo era que o mais novo estaria distanciado e rebelde enquanto ausente da casa, mas o mais velho estava distanciado e rebelde em seu coração, enquanto estava na casa. O distanciamento e a rebeldia do filho

⁴⁸ ASH, 1980, p. 241-242.

⁴⁹ REINECKER, 1998, p. 327.

⁵⁰ BAILEY, 1995, p. 243-251.

mais jovem tornam-se evidentes pelo fato de ele se ter rendido às suas paixões, e pelo seu pedido de abandonar a casa do pai. O distanciamento e a rebeldia do filho mais velho tornam-se evidentes em sua ira e em sua recusa de entrar em casa.⁵¹

Não havia orgulho falso por parte do pai, por isso ele sai novamente de sua casa para conciliar o outro filho, o qual se achava justo aos seus próprios olhos e se considera como um escravo, não sabendo o que realmente era ser filho. Portanto, não sabia também como era ser pai e porque seu pai agiu desta maneira com seu irmão mais novo. Os orgulhosos nunca acham que são tratados como merecem.

Mas a resposta do pai torna claro o valor que tem para ele a presença do filho mais velho, porém diz também que o regozijo pela volta do irmão mais novo precisava ser feito: era a única reação para esta situação. Além disso, o pai tenta colocar na cabeça do filho mais velho que os dois continuarão sendo irmãos, fato que o filho mais velho havia negado.⁵²

Diante das terríveis acusações feitas contra o pai pelo filho mais velho, ainda assim o pai se dirige a ele como filho, demonstrando todo o amor que o filho deixou de demonstrar quando este se dirigiu ao pai.⁵³

Ao final de todo este diálogo, Jesus não apresenta qual é a reação ou resposta do filho mais velho diante do questionamento do pai, deixando livre aos seus ouvintes que se identificassem tanto com o filho mais novo como também com o filho mais velho, a participar ou não da festa do pai.⁵⁴

5. A PARÁBOLA E SUA APLICAÇÃO

5.1 Para os dias de Jesus

Jesus fala esta parábola para dois grupos de pessoas: os fariseus se identificam com o filho mais velho e os gentios (publicanos e pecadores) com o filho mais novo. Esses gentios vinham até Jesus para ouvir Seus ensinamentos. Eram realmente pecadores, mas o fato de virem a Jesus mostra que estavam dispostos a mudar, como o filho mais novo. Jesus, a exemplo do pai amoroso, recebia-os e ia ao seu encontro.

Porém, vendo isso os fariseus se revoltaram e vinham até Jesus somente para condená-lo. Esses fariseus não suportavam a ideia de os gentios desfrutarem também dos privilégios que só os descendentes de Abraão desfrutavam, e faziam de tudo para

⁵¹ Apud BAILEY, 1995, p. 243.

⁵² MORRIS, 1996, p. 229-230.

⁵³ REINECKER, 1998, p. 327-328.

⁵⁴ MORRIS, 1996, p. 230.

isso não acontecer. Estes fariseus, juntamente com os escribas, ficariam satisfeitos se Jesus tivesse limitado todos os ensinamentos e bênçãos somente a sua raça, mas como Jesus abria as portas da salvação aos perdidos, Ele era criticado por eles.

Para terminar, Jesus mostra aos fariseus que se tivessem em seus corações verdadeiros sentimentos religiosos não murmurariam contra Jesus, e por mais religiosos que fossem, sua salvação dependia só da graça de Deus. Mas estes não eram os sentimentos de seus corações. Ao final da parábola, Jesus lhes convida para uma mudança, para que também possam experimentar a verdadeira salvação, e eles prontamente recusam a oferta.⁵⁵

5.2 Para os dias atuais

A parábola mostra um homem que segue sua própria vontade, seus próprios desejos. Este filho representa a natureza humana, que é orgulhosa e cheia de vontades. Não quer mais a comunhão com Deus e, por isso, se separa dEle, gastando as suas forças e inteligência em coisas que não trazem proveito. Seguem literalmente as inclinações do seu coração.⁵⁶ Aí o homem perdido passa a aprender por experiência própria que o caminho que está trilhando é escabroso. Essa é a situação de muitas pessoas dos dias atuais, as quais se deixaram dominar pelo pecado, tornando-se escravas do príncipe deste mundo. Seu exterior apresenta uma falsa alegria, mas seu interior clama por socorro, onde sentem angústia e vazio.⁵⁷

Jesus mostra o jovem que se arrepende ao perceber a sua corrupção natural. A consciência dos pecados é fator determinante, pois este pensamento pode ser o primeiro passo para o arrependimento. Porém, só pensar em se arrepender não leva ninguém ao céu. Se este filho apenas pensasse e não agisse, ficaria naquele lugar. Quando o homem volta-se para Deus com arrependimento sincero, ele recebe perdão. Este filho voltou ao pai e confessou seu pecado, colocando em prática suas boas intenções. O mesmo acontece com a pessoa na qual o Espírito Santo começa a operar: ela não somente pensa em mudar, mas aparta-se do pecado, separa-se, mudando completamente de vida. O verdadeiro arrependimento faz com que o arrependido seja novamente aceito misericordiosamente como filho de Deus.⁵⁸ O fato de o pai correr ao encontro do filho

⁵⁵ RYLE, J. C. *Comentário expositivo do Evangelho segundo Lucas*. Trad. Otoniel Mota. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1955. p. 237-242.

⁵⁶ RYLE, 1955, p. 237-242.

⁵⁷ WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento I*. Trad. Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2007. 305 p.

⁵⁸ RYLE, 1955, p. 237-242.

mostra como é enorme o amor de Deus para com os pecadores, e como Ele quer receber a todos. Seu perdão é amplo e completo.⁵⁹

Jesus fala do filho mais velho, o qual com diversas reclamações protesta o fato de o pai ter aceitado o filho mais novo. Este filho mais velho pode ser comparado às pessoas que se consideram justas e que fazem parte da igreja. Muitas são contra a pregação do Evangelho a todos e em todos lugares; são contra a democratização da igreja; são contra a igualdade entre todos os membros; são pessoas queixosas. Imaginam-se melhores do que os outros e não admitem ser comparadas com ninguém. São pessoas sem caridade e não conseguem se alegrar pela salvação do outro. Não entendem o perdão de Deus, pois embora a pessoa fosse a melhor do mundo, mesmo assim não mereceria o perdão. Também não compreendem o perdão, porque elas mesmas não o experimentaram ainda.⁶⁰

No final, Jesus mostra o regozijo de todos os que testemunharam a conversão do perdido.⁶¹ Também não deveria ser diferente nos dias atuais: todos os cristãos deveriam se alegrar com o arrependimento de um pecador. Se as pessoas que se consideram crentes se interessam por muitas coisas menos pela salvação dos perdidos, elas próprias ainda estão longe do Senhor.⁶²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parábola conhecida como parábola do *filho pródigo* na verdade apresenta dois filhos perdidos. Um estava perdido por ter dado lugar às paixões do seu coração, e por isso partiu de casa. Já o outro permaneceu em casa, porém seu coração estava longe do pai. Este repartiu os bens entre os dois, mostrando que a única diferença residia no fato do filho mais velho não pedir, no momento, para tomar posse de sua propriedade. Talvez se possa dizer que era pior do que o mais novo por nem mesmo considerar seu pai como sendo digno de ouvir a sua opinião.

O filho mais novo sai e desperdiça tudo o que ganhou do seu pai. Para a sua infelicidade, a região na qual está é acometida por uma seca que tem como consequência a fome. Começa a passar necessidade e precisa procurar um emprego. Só consegue um que para o judeu era considerado impuro: cuidar de porcos. Recebia poucos alimentos e até tentava se alimentar das vagens de alfarrobeira; porém, mesmo que as comesse, não

⁵⁹ WIERSBE, 2007, p. 305.

⁶⁰ RYLE, 1955, p. 237-242.

⁶¹ WIERSBE, 2007, p. 308.

⁶² RYLE, 1955, p. 237-242.

conseguia nelas energia para seu corpo, pois estas não tinham valor nutritivo. A miséria o fez refletir no que tinha deixado para trás e de como era bom estar na casa de seu pai. Decidiu voltar, mas para se livrar da responsabilidade propôs em seu coração um plano que pediria para seu pai realizar. Não queria pedir desculpas nem queria a graça de seu pai.

Ao ver a atitude do pai, que sofreu a humilhação em seu lugar, verdadeiramente se arrependeu e aceitou a graça do pai. Foi restituído como filho, recebendo seus direitos e sua dignidade de volta. Grande festa foi feita para mostrar que estava reintegrado na comunidade.

Já o filho mais velho também não estava em casa. Ao voltar ouviu a música, o que fez com que ele procurasse um dos convidados e perguntasse o que estava acontecendo. Diante da resposta, ficou enfurecido, resolvendo não entrar na festa. Desta maneira, deixou de cumprir seu papel na festa, algo que mereceria punição.

O pai novamente sai de casa e vai em busca de seu outro filho perdido, assumindo novamente a humilhação. Porém, este filho recebeu a atitude do pai de maneira bem diferente da de seu irmão: não tratou seu pai com respeito; assumiu uma atitude de escravo; excluiu-se da família, além de deixar muito claro que também desejaria usufruir parte dos seus bens, pois diz que não recebe nada para se alegrar com seus amigos. No contexto da época, esta atitude tanto do irmão mais velho como do mais novo significava que os filhos estavam desejando a morte do pai.

A parábola termina com um filho salvo e outro que desejava continuar perdido. Havia graça suficiente para ele, mas não havia sua aceitação. Ele foi, na verdade, o foco de toda a parábola. Os fariseus identificados com o filho mais velho foram os atingidos pela lição, mas mesmo assim não se curvaram diante dela, mostrando ser exatamente como o texto descreve o filho mais velho. A mensagem central da parábola pode ser resumida num convite: *Venha e faça parte do Reino de Deus também*.

O mais fascinante é a ironia que Jesus utiliza nesta história. Os fariseus e escribas murmuravam porque Jesus “*comia*” com publicanos e pecadores, por julgarem que estes estavam perdidos (v. 1-2). Agora, ao final da terceira parábola, Jesus retrata um pai do lado de fora da casa, convidando o filho mais velho, que representava os fariseus e escribas, igualmente perdidos, para entrarem na casa e participar da festa. Parece que Jesus se dirige a eles com a seguinte expressão: “Vocês murmuram por eu estar ‘comendo’ com pecadores? Vocês também são! Querem entrar e ‘comer’ conosco também?”⁶³

⁶³ KUNZ, 2014, p. 139.

REFERÊNCIAS

ASH, Anthony Lee. **O evangelho segundo Lucas**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 1980. 339 p.

BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.

BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento - Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 719 p.

HOOVER, Richard L. **Os evangelhos: o que Jesus fez e ensinou**. 2. ed. Campinas: EETAD, 1988. 167 p.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996. 197 p.

HUNTER, A. M. **Interpreting the parables**. Philadelphia: Westminster, 1960. 126 p.

KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. Trad. Eunice Pereira Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 308 p.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: A. D. Santos, 2014. 232 p.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Darci Dusilek e Jussara M. P. Simões. São Paulo: Exodus, 1997. 584 p.

MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1996. 330 p.

REINECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas: comentário** Esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 480 p.

RYLE, J. C. **Comentário expositivo do Evangelho segundo Lucas**. Trad. Otoniel Mota. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1955. 342 p.

THAYER, Joseph Henry. **Greek-English Lexicon of the New Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1974. 726 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento I**. Trad. Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2007. 952 p.